

# COMPREENDENDO O ENFRENTAMENTO DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

**Bruna Lais Alcará de Moraes<sup>1</sup>; Lourdes Missio<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Enfermagem da UEMS, Unidade Universitária de Dourados; E-mail: brunaalcara@gmail.com. Bolsista de Iniciação Científica/UEMS.

<sup>2</sup> Professor (a) do curso de Enfermagem da UEMS, Doutora em Educação, Unidade Universitária de Dourados; E-mail: lourdesmissio@uems.br.

Área do conhecimento do CNPq: Saúde Coletiva

## RESUMO

A violência acomete vários indivíduos, independente de religião, etnia, nacionalidade, opção sexual ou de condição social. Trata-se de um fenômeno complexo, que possui fatores sociais e culturais, com risco potencial de agravo à saúde e ameaça à vida, às condições de trabalho, às relações interpessoais e à qualidade da existência. Neste estudo, foi abordada a violência doméstica, tendo como objetivo compreender como as mulheres atendidas pelo programa VIVA MULHER estão enfrentando a situação de violência doméstica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória utilizando como aporte teórico a fenomenologia, além dos conceitos de gênero e vulnerabilidade. Dentre os motivos para a ocorrência da violência que foram relatados salientamos o ciúme, infidelidade e o alcoolismo como fatores determinantes nessas situações. Os principais motivos que impediram as participantes de deixar o companheiro foram o amor que sentiam pelo companheiro, a família, os filhos, a imagem que o pai representa para os filhos e o medo. Existem conseqüências para a vida da mulher, como marcas físicas e psicológicas o que dificulta a saída dessa mulher da relação vivenciada e aumenta o tempo de recuperação. Concluímos que a violência contra a mulher envolve muitos aspectos incluindo familiares, de gênero, psicológicos e de vulnerabilidade, e o enfrentamento exige atitudes da pessoa e do serviço responsável em atender os casos.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Gênero. Saúde da mulher.

## INTRODUÇÃO

As ações visando à assistência a saúde da mulher se efetivaram em 2004 com a criação da Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher. No que diz respeito ao combate a violência contra as mulheres, desde 2003 o Ministério da Saúde tem construído a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Os objetivos desta política constituem em obter uma rede de serviço integrada para a mulher, educação continuada dos

profissionais, modificações na legislação, e questões relacionadas à mulher no mercado de trabalho e igualdade entre os sexos (BRASIL, 2007).

Existem várias definições de violência. A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – Convenção de Belém do Pará/ONU que ocorreu em 1994 define violência contra a mulher como “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA PREVENIR, PUNIR E ERRADICAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, 1994, p.141).

No Brasil foi criada a Lei Nº 11.340, denominada Lei Maria da Penha, em 7 de Agosto de 2006 (p.16) e define violência como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”, sendo que inclui a unidade doméstica, no convívio familiar e nas relações de afeto.

Apesar de este tema ter começado a ser discutido, existem muitos impedimentos que interferem no acompanhamento dessas vítimas, principalmente no âmbito da saúde, pois os profissionais de saúde, em sua maioria, não estão preparados para atender os casos de violência. Segundo Mondaca (2006), estes podem agir de maneira intolerante, com julgamentos e preconceitos, o que interfere de maneira negativa no enfrentamento pela mulher acometida.

Assim, tivemos como objetivo geral compreender como as mulheres atendidas pelo programa VIVA MULHER no município de Dourados/MS estão enfrentando a situação de violência doméstica. E com os objetivos específicos buscamos caracterizar as mulheres que se encontram em situação de violência doméstica, conhecer o que contribuiu para a situação de violência e compreender como ocorre o enfrentamento dessas mulheres frente a essa situação de violência.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. A pesquisa foi realizada no Centro de atendimento à mulher em situação de violência-VIVA MULHER, no município de Dourados/MS. Este serviço tem como objetivo principal acolher e orientar as mulheres vítimas de violência, além de ajudá-las a resgatar sua cidadania. São realizados atendimentos social, psicológico e jurídico.

Os sujeitos da pesquisa foram as mulheres vítimas de violência doméstica atendidas pelo Centro de Atendimento à Mulher em situação de violência-VIVA MULHER. Sendo que foram inclusas aquelas com idade maior de 18 anos e que aceitaram participar. A amostra foi

definida por conveniência (neste caso o serviço indicou as mulheres que foram incluídas devido a um acompanhamento prévio dos casos e à complexidade do tema). Entrevistamos dez mulheres vítimas de violência doméstica, atendidas no VIVA MULHER, porém, somente foram utilizadas oito entrevistas devido a problemas técnicos na gravação da mesma.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, com um roteiro semi-estruturado. As entrevistas foram gravadas, mediante o aceite das participantes e, após isso, transcritas na íntegra, para posteriormente serem analisadas. Para efetivar a análise, estas foram organizadas por unidades temáticas, permitindo assim que sejam confrontadas com o aporte teórico. Para a análise dos dados utilizamos a fenomenologia e os conceitos de gênero e vulnerabilidade, baseados nos estudos de Alfred Schutz (SCHÜTZ, 1979), Joan Scott (SCOTT, 1995) e José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres (MEYER *et al.*, 2006), respectivamente.

A pesquisa atendeu os preceitos Éticos, com aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, sob o protocolo número 1861/2010. As entrevistas foram realizadas após orientação e o aceite da participante com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dentre as participantes do estudo, as idades foram bastante variadas, assim três mulheres possuíam entre 33 e 41 anos; duas encontravam-se na faixa etária entre 44 e 45 anos e; três estavam entre 56 a 61 anos de idade. Mostrando que a violência acomete diversas faixas etárias. Em pesquisa realizada pelo Data Senado (2007) mostrou que as mulheres começam a sofrer a violência cedo, pois 35% daquelas que relataram terem sido vítimas, a situação iniciou-se até os 19 anos de idade (BRASIL, 2007), situação que não difere das encontradas neste estudo pois a maioria vivenciou a situação por muitos anos. No momento da entrevista duas mulheres estavam casadas e cinco declararam estar separadas ou divorciadas e uma das participantes não possuía um relacionamento com o agressor. Quanto ao número de filhos, o número variou entre nenhum a quatro filhos. Referente à escolarização, encontramos mulheres analfabetas ao ensino médio completo, sendo que uma participante voltou a estudar, na modalidade de educação para jovens e adultos (EJA). Assim, duas participantes relataram não possuir escolarização, três estudaram até a quarta e quinta série, uma parou no nono ano e duas relataram possuir o ensino médio completo. Em relação à renda familiar, as duas participantes que relataram menor renda foi abaixo de um salário mínimo, quatro delas relataram valores pouco acima do salário mínimo (entre 650 a 1500 reais) e somente uma possui renda de aproximadamente seis salários.

Mediante as falas das entrevistas, pode-se dizer que cada mulher possui uma história de vida e uma experiência diferenciada. Dentre os motivos para a ocorrência da violência que foram relatados salientamos o ciúme, infidelidade e o alcoolismo como fatores determinantes nessas situações. As falas de duas entrevistadas mostram este fato: “A gente separava por causa que ele fazia coisas erradas fora de casa sem eu saber, eu não aceitava e acabava me agredindo. Ele é muito ciumento! Muito ciumento, ele vê coisa onde não tem!” (E 6); “Porque meu esposo bebe muito, ele fazia a violência com palavras [...] essas palavras me assustam, isso pra mim era uma violência” (E 7). Portanto, foi identificada nas falas além da violência doméstica, também a psicológica. Esta forma acarreta em muitas consequências para a mulher e deixa marcas de difícil reparação. O discurso, a linguagem quando apontam esses termos, frases e formas estão imbuídos de significados particulares, que são envolvidos por auréolas de associação e emoção (SCHUTZ, 1979).

Os principais motivos que impediram as participantes de deixar o companheiro mesmo sofrendo a violência relatada foram o amor que sentiam pelo companheiro, a família, os filhos, a imagem que o pai representa para os filhos e o medo. Algumas falas elencaram para estes fatos, como: “[...] Para meus filhos era importante a imagem do pai, ele estar presente, a partir do momento que eu percebi que a presença dele estava fazendo mal para meus filhos, foi quando eu realmente decidi tomar uma decisão, tomar alguma atitude” (E 7).

Observou-se que, na maioria dos casos, a questão familiar estava envolvida, sendo que a separação também acarretaria em consequências negativas para a família. Questões envolvendo o cotidiano e a vida familiar podem interferir, pois cada indivíduo constrói seu próprio mundo, mas o faz com auxílio de materiais e métodos que lhe são oferecidos por outros: o mundo da vida é um mundo social, que por sua vez, é preestruturado para o indivíduo (SCHUTZ, 1979).

A violência contra a mulher também acarreta muitas sequelas para a vida de quem a sofre. Portanto, como observado nas falas, existe uma repercussão grande na vida da mulher, para esquecer-se do sofrimento algumas começaram a ingerir bebidas alcoólicas, a fazer uso do tabaco, uma passou a não confiar nas pessoas e, outras, tiveram consequências físicas como doença sexualmente transmissível, ferimentos, dentre outros agravos. Além das marcas psicológicas como sentimento de inferioridade, depressão o que dificulta a saída dessa mulher da relação vivenciada e aumenta o tempo de recuperação. O enfrentamento da violência pelas participantes foi complicado, envolvendo sentimentos de vergonha, medo e fracasso. A decisão de enfrentar o problema também exige esforço da mulher, pois a situação torna-se problemática. A mulher exposta à violência precisa reconhecer o risco, de ator em potencial,

tem de transformar-se em pessoa capaz de resolver problemas (SCHUTZ, 1979). Alguns relatos das mulheres entrevistadas apontaram para o sentimento de frustração deixado após a separação, pois esperavam do relacionamento encontrar carinho e compreensão.

O contexto da violência é muito amplo e não pode ser direcionado somente para um perfil de população, porém, nos estudos apontados e nesta pesquisa observa-se que as vítimas, em sua maioria, possuem pouca renda, pouca escolarização, ocupação sem qualificação especial, o que contribui para sua vulnerabilidade e principalmente para se desvencilhar desta situação. Também está envolvida a questão de gênero, tanto na decisão de sair da relação, como no caso de uma entrevistada, que não se sentia capaz de criar os filhos sozinha, sem a presença do pai, como na violência doméstica em si, quando o homem acredita possuir este direito de agredir a mulher.

## **CONCLUSÕES**

A violência doméstica não possui face, portanto não podemos caracterizá-la como um agravo exclusivo para um grupo de indivíduos, o que durante o estudo foi amparado pela vulnerabilidade, que permitiu-nos conhecer a realidade das mulheres participantes de forma diferente. Como colocado por Ayres (2009) existem situações de contextos adequados, mas com altas taxas de vulnerabilidade.

Para o enfrentamento do problema são necessárias mudanças na atenção dada aos casos, e principalmente mudanças na realidade da mulher no cotidiano, que poderá ser modificada somente por meio da redefinição de conceitos e aceitabilidade da violência doméstica, ao invés de mudanças ao nível individual somente (SCHRAIBER, D'OLIVEIRA, COUTO; 2006).

As mesmas autoras colocam ainda que na violência doméstica “confunde-se a realização de direitos com a satisfação de desejos individuais”, o que exclui o direito daquele que sofre a violência, fato este relacionado com o gênero, com as características impostas pela sociedade e cultura, onde um ser acredita ser proprietário do outro (SCHRAIBER, D'OLIVEIRA, COUTO; 2006, p.113).

Observou-se a necessidade de apoio do serviço de atendimento dos casos, pois em várias falas foram relatados que sem este apoio as mulheres não teriam conseguido se desvencilhar do problema, necessitando de uma rede integrada de atendimentos, sendo o Enfermeiro inserido neste contexto.

## **AGRADECIMENTOS**

Foram muitos que contribuíram para a realização desta pesquisa, porém, desejo agradecer especialmente a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lourdes Missio, à minha família, amigos e a Deus por seu amor e força nos momentos difíceis. Além disso, agradeço à UEMS, que por meio da Iniciação Científica financiou o projeto.

## REFERÊNCIAS

AYRES, J.R.C.M. 2009. Organização das Ações de Atenção à Saúde: modelos e práticas. **Saúde e Sociedade**, v.18, supl.2. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s2/03.pdf>>. Acesso em: 29 Jun 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde 2007. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentamento à violência contra a mulher: balanço de ações 2006-2007**. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em:<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/enfrentamento\\_violencia\\_mulher.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/enfrentamento_violencia_mulher.pdf)>. Acesso em: 01 Jul 2010.

BRASIL 2006. **Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 29 Jun 2011.

BRASIL. Secretaria de Pesquisa e Opinião Pública do Senado Federal. **Pesquisa de opinião pública nacional violência doméstica contra a mulher**. Brasília, 2007. Disponível em:<<http://www.senado.gov.br/noticias/datasenado/pdf/Relat%C3%B3rio%20anal%C3%ADtico%20Viol%C3%AAncia%20Dom%C3%A9stica.pdf>>. Acesso em: 05 Jul 2011.

**CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA PREVENIR, PUNIR E ERRADICAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER- CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ/ONU**, 1994. Disponível em:<<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>>. Acesso em: 01 Jul 2010.

MEYER, D. E. E. *et al.* 2006. "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6. Disponível em:<[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2006000600022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006000600022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 Out. 2010.

SCHÜTZ, A. 1979. **Fenomenologia e relações sociais**. Organização e introdução Helmut R. Wagner. Rio de Janeiro: Zahar.

SCOTT, J. 1995. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Educação e Realidade, v.20, n.2.

SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; COUTO, M.T. 2006. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Revista de Saúde Pública**, v.40, n. esp. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-9102006000400016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-9102006000400016&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 29 Jun 2011.